

A outra face da moeda

GILBERTO DE MELLO KUJAWSKI

01 JUL 1994

Otimismo e pessimismo são formas contrapostas de simplismo (ou de simplorismo). Ora, a realidade nunca é simples, mas sempre excessivamente complexa em todos os sentidos. Portanto, otimismo e pessimismo, com sua fácil e mecânica esquematização das coisas, constituem dupla falsidade. Os artigos deste colaborador são acusados, com frequência, de excesso de otimismo na análise da situação brasileira. Mas não se trata de nenhum festivo panglossismo. O que ocorre é que a formação deste articulista compele-o sempre a examinar o **outro lado** da questão, de modo a equacionar os problemas sem omissão de nenhum dado importante. Questão de integridade intelectual. Recusa a ficar nos aspectos fragmentários das coisas, consagradas pela mídia ou pelo senso comum, quando elas só podem ser entendidas na sua totalidade.

A manchete mais otimista (portanto, falsa) que saiu na imprensa brasileira nos últimos anos foi publicada nas páginas amarelas da revista **Veja** em seu nº 24 (15/6/94): **O Brasil vai bem**. É o título da entrevista com o sociólogo Sérgio Abranches, sustentando, com sólidos fundamentos, que o Brasil real está muito longe do que parece à primeira vista. Entre a opinião bem estruturada, criteriosa e matizada do entrevistado, e o rasgado diagnóstico da man-



NA VERDADE, O BRASIL
VAI MAL, MAS PODERÁ
IR DE MAL A
MELHOR, NÃO A PIOR.

chete vai a distância que separa a pesquisa e a reflexão sérias, do sensacionalismo vulgar.

O que se conclui das análises muito bem colocadas de Sérgio Abranches, com base em estatísticas não oficiais, é que, se o Brasil vai mal, não vai tão mal assim que não possa melhorar substancialmente dentro em breve: "A mudança pode atrasar ou correr um pouco mais, num caso ou em outro. Mas é irreversível. A sociedade brasileira desprende-se do governo, diante da ameaça de ser engolida pelo colapso da União. Da crise sai um país mais descentralizado, em que se usa de maneira mais disseminada o talento das pessoas".

Não se trata de simples palpi-

te. O jovem sociólogo é um pesquisador rigoroso, que leva as variações em conta, munido de computadores, telefones, informando-se em bancos de dados e computando até a frequência com que a imprensa fala em golpe militar.

De toda essa parafernália estatística e informacional, Abranches extrai dados saborosos e encorajadores de ler, como este: "Está nas cidades médias o Brasil que dá certo. Essas prefeituras, somadas, dariam o melhor país da América Latina.

A entrevista desfaz equívocos e exageros flagrantes, como essa mania de proclamar ser nosso país uma "Belíndia" (misto de Bélgica e Índia). Basta pensar um pouco para verificar que nes-

sa polarização falta um nível **intermediário**. Pois Abranches revela tal nível: "Há 20 anos quando comecei a medir disparidades brasileiras, que são enormes, encontrei três países aqui dentro. Tinha uma Etiópia, um Brasil miserável de 20 milhões de pessoas. Havia um Brasil com 60 milhões de habitantes, país atrasado, mas em processo de crescimento desordenado, que eu chamei de Brasil de Juscelino Kubitschek. E sobrava uma Bélgica com 10 milhões de cidadãos vivendo como europeus." Agora sim, estamos entendidos.

Considerando-se a extrema divisão dos interesses políticos entre nós, conclui o aplicado sociólogo que ninguém tem forças para impor suas prioridades, mas tem força para bloquear a concretização das prioridades alheias. Por isso — observa ele — é que não devemos apostar neste ou naquele candidato à Presidência da República, mas apostar na capacidade de fazer coalizões.

Em suma, não é que o Brasil "vai bem", como quer a revista. Na verdade, o Brasil vai mal, mas poderá ir de mal a melhor, não a pior.

O AUTOR

Gilberto
de Mello
Kujawski
é ensaísta

